

POR UMA SEMANTIZAÇÃO DAS VARIEDADES

João Carlos Cattelan¹

RESUMO: Este texto visa a efetuar uma reflexão sobre a possibilidade de uma aproximação, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, entre a Análise do Discurso e a Sociolinguística. A primeira, em se abrindo para a segunda, teria uma poderosa teoria auxiliar de explicação dos efeitos de sentido. A segunda, em se abrindo para a primeira, passaria a encarar a linguagem sob uma outra perspectiva, superando a postura puramente descritiva e imanentista, embora não exista aí nenhum problema de ordem epistemológica.

PALAVRAS CHAVE: Análise do Discurso, Sociolinguística, Efeitos de Sentido, Sujeito, Interação.

ABSTRACT: This text seeks to make a reflection about the possibility of an approach, starting from a perspective transdisciplinar, between the Analysis of the Speech and Social-linguist. The first, in opening up for Monday, would have a powerful auxiliary theory of explanation of the sense effects. Monday, in opening up for the first, it would pass to face to the language under another perspective, overcoming the posture purely descriptive and imanentista, although it doesn't exist any problem of order knowledge there.

KEY WORDS: Analysis of the Speech, Effects of Sense, Subject, Interaction.

O discurso não se encontra em uma língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que ele é tomado pelo falante!), ele está nos lábios de outrem, nos contextos de outrem e a serviço das intenções de outrem: e é lá que é preciso que ele seja isolado e feito próprio.

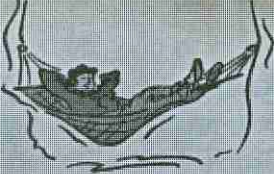
(BAKHTIN, 1993, p.100)

Quando *uma* nação deseja oferecer-se como *a* nação, torna-se um ídolo com apetites sangrentos e possui, para satisfazê-los, a capacidade demoníaca de mudar de identidade e converter-se noutra coisa.

(CHAUÍ, 1996, p.112)

¹ Docente do curso de Letras da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon.

Meu amigo.



53

O cê num gostô da minha irudição di onte? É. Num respondeu minha cartinha. Magoei. Num si avechi, maledeto Catelan. Escreva djá.

Num vai deixá eu cunhecê o cê? Qui o cê gosta mais de fazê? Cê gostaria di discuti argum assunto comigo? Eu gostaria.

E o cê num qué conhecê eu?
Fais prgunta qui eu respondol
Quiria tantu criá arguma impatia oo cê...

Dá uma chanci, oxente.

Beija-Frô

1. UMA ABERTURA DE PORTAS

No gesto fundador de conferir aos estudos da linguagem um caráter científico, ao sabor do momento histórico e das condições de produção em que se encontrava, Saussure tornou-se um “instaurador de discursividade” (FOUCAULT, 1992, p.58), abrindo caminho para um incessante movimento de retomada, quer seja no sentido da paráfrase e da reiteração, quer seja no sentido da polissemia e da polêmica.

Sobre o mirante positivo de fazer ciência e trabalhando, portanto, ao redor da coleta e organização de dados, da formulação de hipóteses e da sua testagem, da formulação de teorias e da sua experimentação, Saussure alçou a Linguística à condição de ciência empírica, pautado em parâmetros dados pela indução.

O seu gesto atendia à coerção de trabalhar com o controlável e o sistêmico, com o ordenável e estruturável, fugindo ao que pudesse ser aleatório e arbitrário. Tratava-se de descobrir as leis intrínsecas do objeto e as suas formas inerentes de organização, evitando o não recorrente e escapadiço a leis lógicas de aparecimento. Eis a opção pela língua, já que a fala seria o aleatório, o individual e o imprevisível.

Nesta opção, a língua ganha *status* de objeto científico, porque descritível e possuidor de leis imanentes de comportamento, enquanto certos fatos da linguagem, postos sob a ordem da fala e da imprevisibilidade, são remetidos para fora do campo observacional. Nada, cientificamente, a compreender. Apenas uma opção.

No bojo, por um lado, a concepção de uma língua homogênea, tesouro depositado na mente dos falantes e usado por eles de forma idêntica, e, por outro, a crença num sistema neutro ideologicamente, tendo os signos uma relação biunívoca com relação ao mundo concreto. Um signo atuariaria em todos os falantes uma mesma e idêntica realidade, não atravessada por valores ideológicos.

2. MAS A REALIDADE É MAL COMPORTADA

Na esteira das retomadas dos postulados de Saussure, a percepção de que a realidade lingüística não é tão bem comportada como parecia. Os, tão somente, desvios e erros em relação ao sistema central e correto revelam-se, à luz de observações mais acuradas, tão sistêmicos quanto o sistema lingüístico geral, que se pretendia que fosse único. Leituras críticas dos estudos de ordem estruturalista fazem perceber que a homogeneidade é uma ficção e que os desvios à homogeneidade não se fazem aleatoriamente, mas de forma regrada.

Esta percepção gera uma crise na Lingüística, obrigando-a a uma revisão, já que faz intervir dados que não podem ser postos de lado. Tem-se um momento de questionamento: é possível dar conta destes dados, mantendo a Lingüística intacta? Ela deve ser remodelada para dar conta dos dados, que não explica? Deve-se ampliar o seu terreno ou uma outra teoria deve ser construída? Enfim, mantém-se a Lingüística ou é chegado o sinal dos tempos?

Este momento de crise vai produzir um novo ramo da Lingüística, que tem como efeito, muito mais resguardá-la em sua integridade, do que submetê-la a revisões ou eventual derrocada: a Sociolingüística. Pautada no mesmo método, conjunto de crenças, metodologia de trabalho e forma de compreender a separação entre língua e fala, a Sociolingüística se abrirá para a explicação dos dados que a Lingüística não previra, mas a mantendo intacta e onipotente em seus postulados.

Como diz Robin (1977, p.91),

o recurso a teorias paralingüísticas ou às fundações de campos especializados da Lingüística (Sociolingüística, Psicolingüística, etc.), cuja destinação é tornar compactos os vazios da teoria, podem, no entanto, não levar senão a sublinhar os vazios, se se cultivarem esses campos unicamente como subconjuntos da teoria e com o único objetivo de confirmá-la,

É a atitude da Sociolingüística: uma pesquisa indutiva, cuja finalidade é a descrição de subsistemas, pretensamente homogêneos e invariantes enquanto imanência, o que a faz criar um conjunto de *dia-sistemas*. “Estando feita a descrição lingüística, vai-se procurar um tipo de co-variância com o nível social” (Id. Ibid.). Mais do que abrir-se para uma teoria social que ilumine o atravessamento que se dá entre a multiplicidade de variações dos sistemas e suas condicionantes sócio-históricas, a Sociolingüística vai buscar estas relações no plano da causalidade: sexo, idade, classe social e outros determinariam certo uso lingüístico sistêmico. Embora se acrescente, pois, ao termo ‘lingüística’, o radical ‘*socio*’, o que se permanece fazendo é o que estava previsto na Lingüística: o estudo descritivo de um subsistema, que seria homogêneo.

3. O SUJEITO: MOSAICO DE VARIANTES

A crença subjacente tanto à Lingüística, no sentido tradicional, quanto à Sociolingüística, que capta os limites da primeira, é que o sujeito se vale de um só sistema, agindo de forma homogênea no uso lingüístico. Dados idade, sexo, lugar social e espaço ocupado, o falante seria usuário de um sistema, que conservaria intacto nas redes de comunicação de que participa. É como se ele usasse o mesmo subsistema, embora os contextos e as relações intersubjetivas variassem.

Como diz Robin (Id. Ibid.),

Ambivalente, a Sociolingüística faz avançar as pesquisas de articulações entre ‘língua’ e ‘estruturas sociais’ e, no mesmo momento, parece insuficiente, movendo-se no quadro da homologia ou da não-homologia, nos universos paralelos do lingüístico e

do social, sem que seja pensado o estatuto da relação entre a ordem do discurso e a ordem sócio-histórica.

Parece evidente que o sujeito seja uma multiplicidade de subsistemas, que são ativados na interlocução e manuseados face a interesses presentes nas relações de que participa. Mais do que portador de uma variante *X* ou *Y*, o sujeito manifesta-se por um certo número de variedades lingüísticas, que lhe permitem realizar projetos discursivos. Isto significa que, sobre uma variedade lingüística qualquer, estão sobrepostos gêneros discursivos diferenciados, respondendo a interações específicas e a objetivos determinados.

Isto leva a perceber que o sujeito, partícipe de inúmeras formas de interação, capta-lhes o estilo social e se move de um a outro de acordo com a sua necessidade discursiva de produção de sentido, fazendo agir uma memória, não pensada em termos lingüísticos, mas sociais, já que, como quer Achard (1999, p.14), “o funcionamento do discurso supõe que os operadores languageiros só funcionam com relação à imersão em uma situação, quer dizer, levando-se em consideração as práticas de que eles são portadores”. O sujeito, pois, poderia ser pensado enquanto multiplicidade de variedades lingüísticas, que são agenciadas (está-se pensando a linguagem em termos de uma atividade constitutiva), dadas necessidades históricas de fazer sentido em circunstâncias específicas de interlocução.

4. VARIAÇÃO E SENTIDO

Está-se pensando não numa negação do que a Sociolingüística faz, que, é óbvio, é uma opção por determinado ponto de vista e certo resultado de pesquisa, mas na ampliação que poderia ser dada aos estudos do sentido, caso se busque, não apenas descrever subsistemas em termos de co-variação em relação a fatores sociais paralelos, mas se pense neles sendo agenciados por interesses do sujeito para produzir efeitos de sentido. Se os estilos sociais são multiformes e o sujeito tem acesso a eles, deles, pois, ele se valerá, para, num jogo de memória e conhecimento partilhado, fazer veicular significações, o que faz da variação lingüística um meio de interação e não apenas sujeição a um sistema. Ou, se a coerção existe, ela se faz, face à busca de construção de significações.

Se, como quer Foucault (1971, p.13), “o discurso funciona como um sistema abrangente. Uma espécie de pesadelo saussuriano em que a ‘Lín-

gua' – com suas leis e normatividades coatoras – tivesse extravasado de seu domínio específico de validade para ocupar a totalidade do espaço social”, a questão básica é a de que, para além da tarefa descritiva de variações de dialetos ou de registros, a partir de um prisma que concebe que, para cada variação lingüística corresponde uma variação social, daí a co-variação, o sujeito, poliglota na sua língua, em termos de dialetos e de registros, sabe zigzaguear entre esta multiplicidade de linguagens e agenciá-la para fins discursivos.

Para além de uma postura lingüístico-descritiva, mesmo que acrescida do radical '*socio*' (o que não significa intersubjetividade, em última instância), está-se pensando na possibilidade de levar os postulados da Sociolingüística à aplicação sobre questões que são pertinentes para o sentido e a interação discursiva. Ou seja, o sujeito, nas interações de que participa, muda de variante e registro, conforme a necessidade, visando a efeitos de sentido, e a Sociolingüística pode auxiliar o analista de discurso, fornecendo-lhe saberes que permitem uma aproximação mais efetiva a certas formas de ocorrências discursivas, que se obtêm a partir da manipulação da variação lingüística.

5. ALGUNS EXEMPLOS

Orlandi (1999, p.20) diz:

À diferença da posição imanentista, que faz o elogio da língua enquanto sistema abstrato, eu coloco que o indivíduo poderia ficar indiferente à língua. Há condições para que ela surta seus efeitos. Não se trata apenas de um jogo de significantes descarnados, embora a língua como sistema significante importe e muito. Para ressoar, é preciso a forma material, a língua-e-a-história. Algo do plano da existência produz essa possibilidade junto ao que dá linguagem. E em que sujeito e sentido se constituem. Se, de um lado, a linguagem tem sua injunção a significar, de outro, o mundo exerce sua força inexorável.

É nesta *injunção* que obriga a linguagem a significar, injunção que, se não houvesse, poderia levá-la à inexistência, dada a indiferença dos sujeitos, e na *inexorabilidade* da força da história atuando sobre a linguagem que se está pensando, quanto se pleiteia que a variação lingüística seja

vista também sob a forma de relações intersubjetivas e ocorrências discursivas.

Exemplo 1

Viajando de ônibus, sentado em sua poltrona, ao lado de outro passageiro, **A** vê dois bancos vazios, ao lado. Passa, então, para eles. Na estação seguinte, entra uma senhora (**B**), com um bebê. Ela diz que aqueles bancos são seus. **A** levanta-se e retorna ao seu lugar e permanece olhando para **B**, que se acomoda num dos bancos e ao seu bebê no outro. Sentindo o olhar inquisidor de **A**, **B**, debruçando-se sobre o seu filho, sem olhar para **A**, pergunta: *Mami compô passaginha pô nenê?*

Atente-se para a *enunciado* produzido por **B**. Provavelmente sentindo o olhar inquisidor de **A** sobre o seu direito de acomodar-se e ao seu bebê nos dois bancos antes ocupados por **A**, **B** se vê na obrigação de, dado que sabe (e sabe que **A** sabe) que criança que não paga passagem não pode usar banco, devendo viajar no colo de alguém, justificar-se com relação à atitude tomada. Mas, para fazê-lo, deve buscar recursos adequados à sua necessidade discursiva. Todo um conjunto de estratégias é posto, então, em desenvolvimento.

a) Como **B** não conhece **A** e não pode dirigir-lhe a palavra, finge dialogar com o filho, que, dada a idade, não a entenderá e nem poderá responder à pergunta. O enunciado não se endereça à criança, mas a **A**, cujo olhar era interrogativo. b) Dado que a pergunta se endereça a quem não pode respondê-la, devendo ser entendida como se dirigindo a **A**, ela não é uma pergunta, mas uma afirmação, que performatiza o ato de declarar que a criança viaja com passagem comprada, tendo, portanto, direito a usar o banco em que se encontra deitada. c) Embora o enunciado seja formulado por **A** em relação ao filho, isto deve ser percebido como se acontecesse de forma simetricamente oposta, ou seja, do filho em direção a **B**, como pergunta, que recebe, então, um *sim* como resposta. d) Para obter o efeito produzido em c, **B** se apresenta falando como se fosse criança aprendendo a falar; **B** fala na variante do bebê. e) Embora pareça ser a criança a estar falando e fazendo uma pergunta, é **B** quem fala, fazendo uma afirmativa. f) O enunciado de **B** deve ser lido, pois, como uma afirmação sobre o fato de o bebê viajar com passagem comprada, ao mesmo tempo que é uma reprimenda em relação a **A** e seu direito de questionar².

² Embora a análise tenha um prisma pragmático, é evidente que o sujeito é social, que ele tem uma certa forma histórica de olhar para o mundo, que relativamente o constitui.

O fato digno de nota e que é pertinente para o tema em debate é a atividade realizada por **B**, que, saindo da “sua” variante e passando para outra, sendo, pois, polidialetoal, realiza um trajeto que o leva de um mundo a outro, de uma linguagem a outra, motivado por necessidades discursivas, que o fazem dobrar-se e desdobrar-se, plurilingüísticamente, para realizar suas necessidades.

Caso se dirigisse diretamente a **A** e lhe dissesse que a criança tinha passagem, dizendo-lhe que seu olhar interrogador não se justificava, a variante seria mais conforme à idade dos interlocutores e o estilo talvez fosse mais impessoal. Porém, o enunciado materializa uma variante infantil e um estilo mais familiar, permitindo, mesmo assim, atender a demandas interlocucionais circunstanciadas. É óbvio que **B** poderia ter seguido um caminho ou outro; ele saberia fazê-lo.

Vê-se que, mais do que pertencente a uma variante lingüística, o sujeito se move entre variantes a partir de contingências interlocutivas específicas, mais ou menos determinado por contextos sócio-históricos dados. Ele é o estrategista, que, acostumado aos campos de batalha intersubjetivos, locomove-se taticamente por caminhos necessários, o que o aproxima daquele que trabalha esteticamente com a linguagem. Sobre a consciência estética, que, guardadas as devidas proporções, pode ser aproximada daquela do falante ordinário, Bakhtin (1993, p. 101) afirma:

A consciência lingüística, sócio-ideológica e concreta, ao se tornar artisticamente ativa, isto é, literariamente ativa, encontra-se de antemão envolvida por um pluridiscorso, e de modo algum por uma só linguagem, única, indiscutível e peremptória. Sempre e por toda parte a consciência literariamente ativa encontra-se com ‘linguagens’ e não com uma só linguagem.

Exemplo 2

A bichinha andava pela rua, distraidamente, quando, ao dobrar a esquina, olhou para o horizonte e viu Papai Noel, prestes a entrar por uma chaminé. Espantou-se:

- O que você faz aí, *Santa*?

Este texto é exemplar no manuseio discursivo de variantes lingüísticas que faz, ativando uma certa interpretação, dada por uma relação que se estabelece pelo uso de um sistema de referência (o do nome próprio do papai Noel, Santa Clauss, num sentido mais religioso, poder-se-ia dizer)

e o agenciamento concomitante de um outro (aquele trazido da linguagem dos homossexuais, com sua entonação peculiar).

O humor da piada resulta, pois, da superposição que se estabelece sobre o termo 'santa', o qual ativa um conhecimento partilhado, que retoma o discurso religioso referente às festas natalinas e a Santa Clauss, derivando daí um sentido mais "convencional", e um outro, mais "desviante", que remete aos homossexuais, na boca de quem o termo ganha outro efeito de sentido, resultando o riso da percepção da ativação dessas duas variantes numa mesma materialidade.

Como diz Travaglia (1977, p.95), "o signo tem um valor que seria o resultado de todo o trabalho lingüístico feito pelos falantes com o signo. O efeito deste trabalho fica no signo, mesmo que o analista não o perceba. O sentido seria o resultado de todas as forças que atuariam no signo, porque, na verdade, os falantes disputam o valor simbólico dos signos". Se assim é, 'santa' traz em si a memória de, pelo menos, dois trabalhos, exigindo que o leitor possua um conhecimento que o faça transitar entre variantes lingüísticas diferentes, que, neste caso, atuaram sobre o efeito de sentido a ser impresso sobre um termo idêntico do *léxico*.

Novamente, a percepção de que, mais do que portador de uma variante lingüística única e homogênea, o sujeito é aquele que se move nos entremeios de variedades e registros, lançando mãos dos que mais se prestam à constituição do seu discurso, frente às necessidades concretas que lhe fazem frente.

É propício o que diz Bakhtin (1993, p.105) sobre casos como esse:

a estratificação da linguagem, em gêneros, profissões, sociedades, concepções de mundo, tendências, individualidades, diferentes falas e línguas, ao entrar no *romance*, ordena-se de uma maneira especial, torna-se um sistema literário original que orquestra o tema intencional do autor (grifo nosso) (onde o autor fala em romance, leia-se discurso).

Vê-se, pois, o trabalho de um autor, que, agenciando um elemento lingüístico que remete a diferentes regiões da sociedade, delas retoma os sentidos, as concepções de mundo, as significações, superpondo-os e obtendo efeitos de sentido que podem ser o riso, mas outros quaisquer tam-

bém. Uma variedade lingüística não faz do sujeito um ser fechado e refratário a uma outra variante. Ela lhe fornece uma “ferramenta” a mais a serviço de sua atividade discursiva.

Exemplo 3

E o cabo eleitoral, dirigindo-se ao candidato, sentado frente à televisão:

- *Firme?*

- Não, *Sírvio* Santos.

Se no exemplo 1, a variação atingia o enunciado (com tudo o que dele decorre), no 2, o léxico, neste, a questão é fonética. O termo ‘firme’, que pode remeter à pergunta a alguém se ‘está tudo bem’ e a ‘filme’, numa outra variante lingüística, mantém esta duplicidade aberta na resposta do candidato, pois se espera do leitor que ele perceba que o primeiro locutor toma ‘firme’ na primeira acepção, enquanto o candidato o toma na segunda, dada a sua variante lingüística, que transforma ‘Sílvio’ e ‘Sírvio’. Vê-se instituída a pretensão do autor do texto de criar uma imagem negativa dos políticos, colocando-os como pouco competentes, dada sua pouca formação escolar e seu pouco conhecimento lingüístico.

Novamente, o locutor aparece se esgueirando por entremeios languageiros, para realizar uma atividade autoral que se vale de diferentes variedades lingüísticas para atingir fins só perceptíveis, se certos pleitos da Sociolingüística forem tomados como sustentação (daí a vizinhança da AD com a Sociolingüística) e forem pensados à luz da dimensão discursiva (daí a vizinhança da Sociolingüística com a AD), da relação intersubjetiva e da busca da criação de efeitos de sentido.

Outros exemplos vão sem maiores comentários. a) Em propaganda da Brastemp, após uma das personagens dizer que não compreende porque deixaram uma certa geladeira à porta do convento, a outra explica: Se fosse uma Brastemp, não teriam deixado, né *mané!* b) A professora de Lingüística, em sala de aula, às voltas com encontrar exemplos para demonstrar o que explicava e não conseguindo, diz: Alguma coisa aqui está *melando!*, ao que a classe ri. c) O grupo de corretores de redação, andando pela rua, pára à frente de um lugar de bastante trânsito e começa a brincar com o que diriam os motoristas para uma delas, caso, a pé, não respeitasse o sinal. Dentre os dizeres, a professora, já de certa idade, lembra o que diriam: Sai, *tia!* d) Numa passagem de **Macunaíma**, Mário de Andrade mostra o herói escrevendo uma carta às icamiabas, numa variante que não a sua, para criar

um efeito de sentido. Eis o autor usando variedades para realizar fins discursivos.

As palavras de Bakhtin (Id. Ibid., p.127) podem fechar esta seção.

O plurilingüismo introduzido no romance (no discurso) é o *discurso de outrem na linguagem de outrem*, que serve para refratar as intenções do autor. A palavra desse discurso é uma palavra *bivocal* especial. Ela serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes: a intenção direta do personagem que fala e a intenção refrangida do autor. Nesse discurso, há duas vozes, dois sentidos, duas expressões.

6. CONCLUSÃO

Acostumados a certas táticas de conhecimento, os estudiosos recortam, idealizam, abstraem os sujeitos dos objetos, reificam, dando autonomia às coisas, como se elas existissem por si mesmas sem um manuseio social. Fruto de uma especialização sobre o mundo tecnológico e natural, o conhecimento dispensou ao social uma espécie de zoologia, criando classes e subclasses empíricas, sem se perguntar se não haveria outro passo: descrever cumpre uma função.

Foi o que ocorreu com as disciplinas lingüísticas. Pautadas na fragmentação e unidimensionalidade, acabaram por criar um ponto impossível de reencontro, sem uma filosofia de linguagem que as unificasse. O resultado é que cada uma delas concebe a linguagem à sua maneira e lhe dispensa um tratamento coerente com a sua visão, ficando afastada a possibilidade de uma integração transdisciplinar, dadas as ramificações e labirintos que se criam a cada outra taxionomia.

Se a linguagem é uma forma de interação e, como quer Orlandi (acima), os homens poderiam passar sem a língua, sendo ela só um sistema, os homens, nos usos da linguagem, visam à criação de efeitos de sentido, devendo ser este o farol a iluminar descrições, teorias e sistematizações.

Que cada um mantenha o seu ponto de vista de estudo, parece procedente, desde que a especialidade resultante daí se reencontre num projeto de integração, visando (embora seja impossível) ao todo complexo de que é feito o observável.

Se a AD é uma teoria da linguagem e a Sociolinguística outra, a aproximação entre ambas não é incompatível, já que postulados de uma e outra permitem a integração, no plano do sentido.

As palavras de Caldas (2000, D4), em resenha crítica de Morin, fazem pensar. Há que se buscar

minimizar os 'efeitos cada vez mais graves da compartimentagem dos saberes e da incapacidade de articulá-los uns aos outros'. O conhecimento organizado dessa forma relacionaria as informações que constituem parcelas dispersas do saber a toda uma estrutura sincrônica, orgânica de um saber plural.

REFERÊNCIAS

ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

CALDAS, W. Morin defende formação do intelectual polivalente. *O Estado de São Paulo*, Caderno 2/Cultura, p.D4, Domingo, 09/07/2000.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

FOUCAULT, M. *O que é um autor*. Lisboa: Vega Passagens, 1992.

_____. *O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.

FRIEDMANN, G. *O trabalho em migalhas: especialização e lazeres*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1983.

ORLANDI, E. P. Do sujeito no histórico e no simbólico. *Escritos*, nº 4, p17-27, 1999.

ROBIN, R. *História e lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 4.ed. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

Recebido para publicação em 10/07/2000

Aceito para publicação em 23/10/2000